

O CÁRCERE PRIVADO: AS REPRESENTAÇÕES DO ESPAÇO E DA IDENTIDADE FEMININA NO CONTO “JANELA”, DE MIGUEL JORGE

Marta Maria Bastos¹
Luciana Borges²

Resumo: Este trabalho objetiva promover uma reflexão no que diz respeito às questões espaciais e da identidade feminina, tendo como foco principal o espaço literário sob a ótica da personagem romanesca. Para tanto, será analisado o conto “Janela”, pertencente ao livro *Urubanda* (1985), do escritor goiano Miguel Jorge. No conto, o escritor apresenta a figura feminina, representada pela protagonista Matilde, vivendo ao final do século XX. Uma mulher jovem, inteligente e de grande beleza; porém, sem voz, que se encontra aprisionada entre quatro paredes no espaço de sua própria casa, submetida ao poder de seu marido, Salomão, digno representante do modelo patriarcal, ansiando por um pouco de liberdade. A partir dos aportes teóricos de Michel Foucault, em *Outros Espaços* (2006), Gaston Bachelard, em *A poética do espaço* (1974) e Osman Lins, em *Lima Barreto e o Espaço Romanesco* (1976), intenta-se perceber como o tratamento do espaço interfere na construção da identidade de Matilde, uma mulher silenciada pela indiferença de seu marido, mergulhada na mais profunda solidão, dentro da subjetividade de sua imensidão íntima, sem direito à liberdade e à vaidade, convivendo com todos os seus medos e as constantes ações pavorosas de violência doméstica, servindo apenas de objeto do prazer masculino.

Vivemos em uma era em que os espaços se aproximam, e muitas vezes se fundem. Foucault, afirma que “Estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos”. (2006, p.412). Daí, a empreendedora tarefa humana de construir sua própria história, valendo-se dos elementos dispostos e posicionados no espaço no decorrer do tempo. Isso se faz na medida em que o ser humano vive e também por meio da construção de narrativas, nas quais o tempo e o espaço são de fundamental importância, por constituírem o cenário onde a história se passa. Para Osman Lins, mesmo “a personagem é espaço”. (1976, p. 69).

Osman Lins afirma que o espaço na ficção tem sido tudo que intencionalmente disposto, enquadra a personagem e inventariado, tanto pode

¹ Marta Maria Bastos – mestranda dos Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. E-mail: martamariabastos@yahoo.com.br

² Luciana Borges – Profª. Dra. da Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão (orientadora) e-mail: borgeslucianab@gmail.com

ser absorvido como acrescentado pela personagem, sucedendo inclusive ser constituído por figuras humanas. (1976, p. 72). Fala ainda o mesmo autor a respeito da compreensão do crítico Massaud Moisés para quem “no romance linear (o romântico, o realista, o moderno), o cenário tende a funcionar como pano de fundo, ou seja, estático, fora das personagens, descrito como um universo de seres inanimados e opacos.” (1976, p.72).

O espaço deve ser considerado como personagem, juntamente com as personagens, o tempo, o enredo, entre outros. Ele é o mundo constituído materialmente ou assim idealizado para servir de aporte à criação de uma narrativa.

É dentro dessas circunstâncias de tempo e espaço acima descritos que o escritor goiano Miguel Jorge representa o espaço no conto *Janela*, (1985), no qual apresenta a protagonista Matilde, aprisionada em sua própria casa, uma mulher marcada pela violência doméstica e pelo medo, cuja imagem se torna livre quando se posiciona frente ao espaço aberto da janela na qual vive seus devaneios. Nesse conto, o espaço não somente marca o cenário, mas influencia fortemente todas as ações da personagem.

Matilde é uma mulher jovem, de belos atributos físicos, casada com Salomão, um escriturário. Seu marido a mantém prisioneira em sua própria casa, com imposições severas sobre ela: a proibição de sair às ruas; fazer uma visita; escolher ela mesma suas próprias roupas; ter algum recurso financeiro; enfim, ter minimamente uma vida social. Para ele, Matilde é objeto de sua propriedade, que deve servir apenas de empregada e objeto sexual, e deverá estar sempre à disposição para que ele realize nela seus desejos de macho. Apenas isso. Para Salomão, Matilde é uma mulher que não deve manifestar nenhum desejo que contrarie sua vontade. Ele tem ciúmes até de seus pensamentos, desejando dominá-los. A submissão para ela não deverá ser apenas um dever, mas uma dura imposição. Matilde tem seu corpo aprisionado, porém, sua alma é livre.

Miguel Jorge se utilizou de vários elementos simbólicos para construir a trama deste conto. Esses recursos utilizados por ele vão de encontro aos aportes de Bachelard no texto já citado, conforme afirma, “pela simples lembrança, longe das imensidões do mar e da planície, podemos, na

meditação, renovar em nós as ressonâncias dessa contemplação de grandeza” (1974, p. 316). Bachelard apresenta uma gama de símbolos que irão compor as imagens da imensidão íntima. Destacaremos algumas delas: a imensidão da floresta, que remete o indivíduo a uma profundidade psicológica sem limites; a imensidão do céu; das águas; do mar profundo; do planalto; da planície; da árvore; do deserto, do mergulho, do olho no reflexo do lago, e, no dizer dele, “seria necessário abrir um inventário de exemplos; pois a imensidão é um tema poético inesgotável”. (1974, p.320).

Bachelard também se apropria de um termo Baudelariano que é a palavra “vasto”, a qual tudo amplia; para ele, é a síntese suprema, tem uma ação poética, que precisa reinar sobre o silêncio calmo do ser. São as imagens que irão compor a partir da visão humana, a imensidão íntima: é o mergulho da alma para fora de si mesmo, da realidade que circunda e envolve o ser, é a imersão de si mesmo para fora do espaço real no qual o ser está inserido, sem, contudo, dele se deslocar.

Matilde representa na ficção uma personagem feminina, oriunda de uma sociedade puramente patriarcal: aprisionada por seu marido, Salomão, em sua própria casa, onde passa todo o seu tempo. Ele a controla o tempo todo, o que lhe dá a impressão de que mesmo ao sair para ir trabalhar, ele a vigia, de longe, da rua. A janela é o seu ponto de fuga da realidade.

Foucault discorre que vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos. Para ele seria possível definir por sua rede de relações, o posicionamento de repouso, fechado ou semifechado, que constituem a casa, o quarto, o leito. Esses espaços estão ligados a todos os outros. (1974, p. 414). Fala ainda o mesmo autor sobre os posicionamentos que neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por ele designadas, refletidas ou pensadas. (1974, p. 415). A esses posicionamentos ele dá o nome de utopias. As utopias são os posicionamentos sem lugar real. Para Foucault:

O espelho afinal é um lugar sem lugar. No espelho eu me vejo lá onde não estou. Em um espaço irreal que se abre virtualmente atrás da superfície, eu estou lá longe, lá onde não estou, uma espécie de sombra que me dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é

igualmente uma heterotopia na medida em que o espelho existe realmente e que tem, no lugar que ocupo um efeito retroativo: é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque me eu vejo lá longe. (2006, P. 415).

No conto *Janela* (1985), conhecemos as utopias e as heterotopias do espaço, pois a protagonista Matilde vive aprisionada em sua própria casa. É prisioneira de seu marido; mas seu pensamento a mantém o tempo todo atraída para fora de si mesma, e isso no dizer de Foucault significa que ela tem uma alma livre, uma consciência imaginante, que foge à sua realidade, sem, contudo, sobreplô-la. (2006, p. 317).

A janela é para Matilde o espaço do qual ela se utiliza para fugir de sua realidade. A janela é uma contestação do espaço onde vive Matilde. Para ela, a janela é um espaço proibido, pois, é por meio do espaço da janela que ela recebe informações, ainda que de forma contemplativa, da vida que pulsa lá fora, apenas isso lhe basta para sentir ainda, mesmo de forma breve, a liberdade.

De acordo com Foucault: “O espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decore precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também em si mesmo um espaço heterogêneo.” (2006, p. 414). O seu olhar através da janela dá provas mais do que suficientes de que ela está viva, consciente. Seu devaneio é alimentado por uma infinidade de espetáculos dos mais variados, ocasionados pela visão contemplativa que ela vislumbra a partir do momento em que deixa seu olhar seguir janela afora, pela vastidão do espaço que a rua lhe oferece.

O conto é narrado em terceira pessoa, pois a história de Matilde, submetida à extrema subjetivação, não consegue narrar sua própria história, necessitando de um narrador explícito que, vez ou outra, interfere na narrativa, interpelando-a. Matilde é uma identidade que se revela dividida ante sua imagem refletida e a sordidez do ambiente em que sua história acontece.

Para Silva, as relações de poder estabelecem marcas de identidade, gerando conflitos, incluindo e excluindo indivíduos, com a divisão em – “nós e eles”, “sérvios e croatas”. (2009, P. 14). O autor fala ainda que o corpo

estabelece fronteiras para a identidade. O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento de fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade. (2009, p.15). Como é o caso da identidade de Matilde que, por ser mulher, recebeu uma educação diferenciada do homem, a qual a exclui de usufruir os mesmos direitos pela sua condição feminina.

O espaço por onde circula Matilde é a casa, a qual deveria ser o espaço da felicidade, do contentamento; entretanto, a casa, com todos os seus cômodos, provoca nela uma espécie de pavor, de medo, devido à sua condição dentro dela. Um espaço que, aos poucos, vai sendo anulado. Matilde, presa dentro da casa, vai sendo anulada, reduzida à condição de objeto, de coisa. Com isso, sua identidade vai sendo anulada, vai perdendo sua condição de ser de direitos e vontades, pois é esse o propósito de seu marido: Reduzi-la à condição de coisa, para melhor poder lhe manipular. No entanto, ao devanear, Matilde mantém, ainda que de forma parcial sua identidade, sua condição de ser que pensa e de sujeito de direitos. E no seu quarto ela cria um espaço irreal. Sua atitude, no dizer de Foucault revela que:

o último traço das heterotopias é que elas têm, em relação ao espaço restante, uma função. Esta se desenvolve entre dois pólos extremos. Ou elas têm o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real, todos os posicionamentos no interior dos quais a vida humana é compartimentalizada. (2006, p. 420).

Diante das imagens do carnaval, vindas do espaço da rua, Matilde converte a solidão de seu quarto na alegria do carnaval, com toda sua euforia. Mas isso foi o suficiente para Salomão agir aplicando uma injeção em sua veia e tirá-la aos poucos daquela imensa excitação. Dessa vez ele consegue agir sobre seus pensamentos.

Aos poucos, ela vai perdendo o domínio de seu corpo e sua alma vai se perdendo no espaço invisível que passou a habitar: “Parece então que é por sua imensidão que os dois espaços: o espaço da intimidade e o espaço do mundo se tornam consoantes. Quando se aprofunda a grande solidão do homem, as duas imensidões se tocam, se confundem.” (BACHELARD, 1974. p.329). Mas, seu corpo, em perfeita sintonia com a alma, teima ainda em resistir, dançar, na tentativa de não cair no total abismo da inconsciência.

A casa, o espaço que deveria ser da felicidade, do repouso e do aconchego, para ela torna-se o espaço do medo e do pavor. Porém, o espaço de Matilde, mesmo ao ser anulado, não lhe anula identidade e autonomia, pois ela consegue subverter a situação em que se encontra e sai em busca de liberdade. Sua alma alça imensos vôos em vastos devaneios o tempo todo em que se encontra em solidão.

A mulher representada neste conto, não se prende apenas à imagem e ao espaço por onde circula a protagonista Matilde. Ela se reflete na imagem feminina que está em toda parte, numa sociedade que, na maioria das vezes mantém a mesma representação do poder patriarcal, que teima em não reconhecê-la como ser que pensa como pessoa de direitos, de sonhos e desejos.

Referências:

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In **_ Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1974. P. 339-512.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: **___ Estética: Literatura e pintura, música e cinema**. Tradução de Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. P. 411 a 422.

JORGE, Miguel. **Urubanda** (contos) Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. São Paulo: Ática, 1976.

MOISÉS, Massaud. **Guia Prático de Análise Literária**. São Paulo. Ed. Cultrix, 1969.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.